

**Patrícia Teixeira**

Licenciada em Línguas e  
Literaturas Modernas.  
Doutoranda em Ciência  
da Informação, pela  
Universidade Fernando  
Pessoa, Porto, Portugal.  
E-mail: tichasd@hotmail.com

**Duarte Pernes**

Mestre em Ciências  
da Comunicação pela  
Universidade Fernando  
Pessoa, Portugal.  
E-mail: duartep1988@hotmail.com

**Questões jornalísticas no  
*Mercúrio português*  
(1663-1667)**

**Journalistic issues in the  
*Mercúrio português*  
(1663-1667)**

**Cuestiones periodísticas  
en el *Mercúrio português*  
(1663-1667)**

## RESUMO\*

Neste trabalho, sustentado em pesquisa bibliográfica, hemerográfica e documental e numa análise instrumental e qualitativa do discurso, procurar-se-á determinar e compreender os conteúdos do *Mercúrio Português* (1663-1667), periódico português do século XVII escrito por António de Sousa de Macedo, nomeadamente procurando aferir como se organizavam os textos publicados no periódico e qual era a sua tipologia; quais as principais fontes a que esta publicação recorria; bem como outras questões de índole jornalística, como, por exemplo, se existia, ou não, diálogo com outras publicações, nacionais ou estrangeiras, ou mesmo diálogo com outras “vozes”, fossem estas “vozes” semelhantes e/ou diferentes ou contrárias à que era usada pelo *Mercúrio Português* e pelo seu redactor.

Palavras-chave: *Mercúrio Português*. Questões jornalísticas. Tipos de texto. Fontes.

## ABSTRACT

In this paper, supported by literature review, desk research and an instrumental and qualitative discourse analysis, efforts will be made to determine and understand the contents of the *Mercúrio Português* [Portuguese Mercury] (1663-1667), a seventeenth-century Portuguese newspaper written by António de Sousa Macedo, seeking to check how the published texts were organized and what was their typology; which were the main sources used by this publication; as well as other questions of journalistic nature, as well as other journalistic issues, such as the dialogue with other publications, domestic or foreign, or even a dialogue with other “voices”, these being similar and/or different or opposite to the one was used in *Mercúrio Português* by its editor.

Keywords: *Mercúrio português* (portuguese mercury). Journalistic issues. Types of text. Sources.

## RESUMEN

En este trabajo, apoyado en una investigación bibliográfica y documental y en un análisis instrumental y cualitativo del discurso, se procurará determinar y entender los contenidos del *Mercurio Português* (1663-1667), periódico portugués del siglo XVII que fue escrito por António de Sousa de Macedo, sobre todo procurando percibir cómo se organizaban los textos publicados en el periódico y cuál era su tipología; cuáles las fuentes principales a las que recurría esta publicación; así como otras cuestiones de naturaleza periodística, como, por ejemplo, si existió, o no, diálogo con otras publicaciones, nacionales o extranjeras, o si hubo el mismo diálogo con otras “voces”, fueran estas similares y/o “voces” diversas o contrarias a las utilizadas en el *Mercurio Português* por su redactor.

Palabras-clave: *Mercurio português*. Cuestiones periodísticas. Tipos de texto. Fuentes.

Submissão: 15-11-2014

Decisão editorial: 4-8-2014

\* Este artigo, escrito por autor português, não segue as regras do Novo Acordo Ortográfico. A revista *Comunicação e Sociedade* optou por manter a preferência do autor.

## Introdução

O *Mercúrio Português* (1663-1667), periódico português seiscentista que foi escrito por António de Sousa de Macedo – um dos mais conceituados homens do século XVII português, tanto no campo do jornalismo como no da política –, é considerado por diversos autores (CUNHA, 1941; DIAS, 2010; PENA RODRIGUEZ, 1996; SOUSA, coord. *et al*, 2013; TENGARRINHA, 1989) como antepassado dos jornais portugueses contemporâneos, uma vez que já apresentava características que se podem considerar jornalísticas, tais como a periodicidade, o carácter noticioso, a actualidade da informação, o recurso a fontes etc. O periódico apresentava, também, algumas tipologias e estilos textuais que, apesar de em alguns aspectos se assemelharem aos que hoje se usam na imprensa periódica, exibiam, igualmente, algumas particularidades e características específicas.

## A organização e a tipologia de textos no *Mercúrio Português*

A tipologia textual do *Mercúrio Português* esteve longe de obedecer a um critério unívoco. O estilo de escrita que Sousa de Macedo empregou foi bastante variável, o que possibilita diferentes tipos de conclusões relativamente à função informativa do jornal.

Por um lado, o periódico não hesitou em assumir uma postura partidarizada e comprometida, o que prejudicou a sua credibilidade. Estes textos de teor mais interpretativo e argumentativo assumiram uma evidência clara por todo o jornal.

Paradoxalmente, o *Mercúrio* não deixou de produzir e destacar uma narrativa de teor informativo. Um estilo mais sóbrio e semelhante ao reportativo, que se aproxima mais dos pressupostos de objectividade e sobriedade actuais.

Por último, destaquem-se aqueles que podem ser designados textos doutrinários. Trata-se de um tipo de texto em que o periódico faz como que uma auto-avaliação da sua actividade e antecipa acontecimentos.

### *Textos argumentativos*

O *Mercúrio Português* fez denotar, de um modo recorrente, uma tendência que mesclava um tipo de escrita simples e descritivo com uma narrativa marcadamente interpretativa e até opinativa. Esta fronteira entre o rigoroso e o ambíguo, o sóbrio e o hiperbólico foi sempre ténue.

Ora, este estilo mais ligado ao campo da opinião e da análise pessoal levanta dúvidas relativamente ao compromisso do *Mercúrio* com a função objectiva dos seus relatos noticiosos. A questão da objectividade no *Mercúrio Português* pode ser posta precisamente em função não apenas do conteúdo textual, mas do modo como ele era exposto.

Embora Sousa de Macedo tenha sentido necessidade de, por diversas vezes, reiterar a actividade informativa do *Mercúrio Português* como função primordial do periódico, nem sempre os temas foram tratados com imparcialidade e distanciamento em

relação às ocorrências. A ligação de António de Sousa de Macedo à coroa portuguesa faz com que se levantem questões relativamente à objectividade e fiabilidade das narrações patentes no *Mercúrio*.

Com efeito, foram feitos relatos um tanto exagerados sobre as incidências políticas e militares da Restauração. Invariavelmente, ao longo das publicações do periódico, apareciam alusões ao exército português e ao movimento restaurador, por vezes hiperbolizadas. Repare-se, a título de exemplo, nos seguintes casos:

*Mercúrio Português*, Fevereiro de 1663

Não houve neste mês de Fevereiro outro reencontro, que já tenho prometido e torno a prometer que nenhum haverá de substância próspero, ou contrário que não relate e assim torno a pedir que não se dê crédito ao que inventarem as gazetas castelhanas.

*Mercúrio Português*, Junho de 1663

Graças a Deus que os sucessos deste mês de Junho foram tais que nem as gazetas de Castela se podem atrever a disfarçá-los, nem os ânimos pior afectos deixarão de os crer.

É interessante realçar, na primeira transcrição, a preocupação do redactor em referir a independência informativa do periódico, procurando demarcá-lo da causa restauradora. No entanto, e posta esta nota introdutória, é feita seguidamente uma tentativa de descredibilização da imprensa castelhana, com o apelo aos leitores para que desvalorizem as novas provenientes de Castela.

No segundo trecho, regista-se uma menção aos jornais castelhanos com a intenção de exaltar os feitos do exército português que, a julgar pela descrição feita, foram de tal ordem que não restou à imprensa

de Castela outra alternativa que não fosse relatá-los, deixando subentendido que essa não era a prática corrente nos jornais espanhóis.

Atente-se agora em mais dois excertos retirados do *Mercúrio*, estes de cariz diferente dos anteriores:

*Mercúrio Português*, Setembro de 1663

Em dezanove, ou vinte, Pedro Jaques de Magalhães Mestre de Campo general da Província da Beira, entrou nos campos de Cidade Rodrigo e trouxe trezentos homens, recolhendo-se sem perda alguma e se o inimigo não tivera notícia da entrada antecipadamente, se fizera uma presa mais considerável.

*Mercúrio Português*, Outubro de 1663

O inimigo tendo notícia destas preparações, tratou com todo o cuidado da defensiva de Galiza, convocando com exortações toda a sorte de gente e fortificando a cidade de Tui e outras partes que poderiam ser invadidas e como para as fortificações arruinava casas e ruas inteiras, começou-se a sentir com excesso um prejuízo não visto até então naquela parte.

Aqui são efectuados relatos bélicos em ambas as situações. Note-se, no primeiro caso, a menção de Sousa de Macedo ao facto de Pedro Jacques de Magalhães ter entrado em terras castelhanas (Cidade Rodrigo, concretamente) e de lá ter saído sem nenhuma baixa entre os seus homens. Contrariamente, do lado castelhano, segundo o *Mercúrio*, os danos só não foram de maiores proporções graças a um aviso prévio do ataque das tropas portuguesas.

A segunda transcrição começa logo com a utilização do vocábulo "inimigo" a servir de designação para as forças espanholas. É de salientar o uso de uma palavra com uma conotação marcadamente negativa e que não apenas designa como qualifica

uma das partes envolvidas na guerra. Neste caso, aquela que se opunha ao movimento de restauração da independência com o qual António de Sousa de Macedo estava identificado.

Ainda na segunda passagem, veja-se a preocupação por parte do autor em referir, à semelhança do que havia feito no primeiro trecho, as dificuldades atravessadas pelos espanhóis que, segundo se pode ler, para garantir a defesa da cidade de Tui, tiveram de destruir as suas próprias ruas e casas.

Em ambos os trechos há a destacar a exaltação dos avanços conseguidos pelo exército português, por oposição às derrotas averbadas pelas forças castelhanas, o “inimigo”, como por várias vezes a elas se referiu Sousa de Macedo.

Outro momento em que a derrota castelhana é enfatizada, dando-se conta de um número elevado de mortos e feridos castelhanos foi o seguinte:

*Mercúrio Português*, Julho de 1663

Morreram do inimigo, além de outros muitos feridos, quase quatrocentos; entre os quais eram alguns homens de qualidade e passado com sete balas um espia que havia conduzido. Da nossa parte morreu um alferes e dois soldados e houve alguns poucos feridos [...]

Os portugueses sofriam, por norma, menos perdas do que os espanhóis. Esta era, pelo menos, a realidade que o periódico espelhava de uma maneira constante. O *Mercúrio Português* salientava recorrentemente os elevados danos infligidos pelos soldados lusos aos castelhanos.

*Mercúrio Português*, Junho de 1665

Finalmente perdeu o inimigo três mil e quinhentos cavalos, mais de quatro mil homens ficaram logo mortos

no campo: teve outros tantos feridos, de que depois morreu a metade, entre os quais foi o marquês de Barca Rota e outras pessoas graves; ficaram mais de outros seis mil prisioneiros, entre eles o general da cavalaria dom Diogo Correia e mais duzentos cabos e oficiais e outros homens de conta [...].

Dos nossos a praça de Vila Viçosa e na batalha ficaram feridos quase dois mil. Os mortos não chegaram a setecentos, passando à melhor vida que lhes granjeou a virtude com que obraram por sua pátria.

Note-se ainda, no excerto acima, o uso do vocábulo “nossos” como referência às forças portuguesas. Um exemplo mais de como o jornal tomou partido de uma das facções, vendo-a e mencionando-a como sua, num sentimento explícito de pertença.

Por outro lado, se os ataques portugueses eram descritos pelo periódico como valorosos e justificáveis, ignorando a sua violência, aqueles que eram efectuados pelos castelhanos eram brutais e condenáveis:

*Mercúrio Português*, Julho de 1664

À vista desta piedade cristã, fica mais abominável a barbárie com que os castelhanos do Forte de Ferreira, entrando pela parte de Malpica mataram a sangue frio trinta portugueses, que se lhes entregaram. Tudo são maiores motivos para Deus os destruir e para os portugueses conhecerem melhor (se melhor pode ser) qual é o ódio que nos tem aquela nação.

Por todo o *Mercúrio Português* se encontram excertos como os que acima foram transcritos. O periódico não conseguiu afastar-se por completo das convicções políticas do seu redactor, muito embora a preocupação em afirmar um compromisso total com a veracidade dos factos tenha sido por diversas vezes manifestada. O desígnio informativo



do *Mercúrio* foi conseguido, mas tendo em conta a leitura de passagens como as que em cima foram transcritas, o cumprimento da sua função objectiva e imparcial é discutível.

### *Textos reportativos*

A contrastar com a escrita opinativa e argumentativa atrás mencionada, está uma narrativa mais descritiva e factual que o *Mercúrio Português* também privilegiou e que lhe conferiu, em certa medida, uma proximidade com a tipologia de textos noticiosos produzidos na actualidade. Esta corrente textual que o *jornal* espelhou vai mais ao encontro dos ideais de objectividade comungados actualmente.

Com efeito, muitos dos relatos encontrados no *Mercúrio Português* correspondem a uma aproximação daquilo que, nos dias de hoje, pode ser concebido estrutural e formalmente como a reportagem. Por razões facilmente entendíveis, quando se fala em textos de cariz reportativo não se está a sugerir a existência de uma rede de repórteres que acompanhasse os desenvolvimentos da Restauração nos locais de guerra e fizesse chegar as informações ao *Mercúrio*. No entanto, é possível identificar uma narrativa minuciosa e clara dos acontecimentos, aliada a uma preocupação de contar, sob um determinado ângulo de visão, o que se passava, nomeadamente em situações de teor bélico. Atente-se ao exemplo exposto de seguida:

*Mercúrio Português*, Outubro de 1663

No mesmo tempo chegava o mestre de campo Manuel Nunes Leitão com o resto de mil e duzentos infantes escolhidos; e logo em seu seguimento o mestre de campo Baltazar Fagundes da Fonseca com o terço auxiliar; que os auxiliares do Minho são como

os melhores soldados pagos da Europa e assim não duvidou o governador de armas encarregar-lhes uma tal facção; investiram logo todos os forte de Gaião, levando o sargento mor Diogo Soares a vanguarda para o escalar, cobrindo o mestre de campo Manuel Nunes, arrimando-se mantas com admirável valor à borda do fosso e pelejando-se sobre ele à mão posta, valendo-se pouco das mantas.

A transcrição referida acima ilustra o carácter mais explicativo e reportativo que o *Mercúrio* também patenteou na exposição dos acontecimentos. Note-se aqui uma preocupação maior com o relato, com a factualidade e descrição do conteúdo informativo em detrimento do comentário analítico e opinativo que o jornal também exibiu.

A nível formal, muitos dos relatos assumiam uma construção similar às notícias que hoje são produzidas pelos meios de comunicação social. Os relatos noticiosos no *Mercúrio* eram elaborados de forma a responder às questões sacramentais do enunciado jornalístico contemporâneo: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?

A comprovar a ideia de uma construção noticiosa comum com a da actualidade estão os seguintes excertos do *Mercúrio*:

*Mercúrio Português*, Fevereiro de 1664

Recolhido o inimigo, começou Pedro Jaques de Magalhães (Quem?) a refazer as pontes (O quê?) e viu chegando a gente que lhe faltava. Aos 16 (Quando?) teve aviso que sessenta cavalos entraram pela parte de Castelo Rodrigo (Onde?); saiu-lhes de Almeida o tenente general D. António Maldonado com 140 e tendo marchado mais de uma légua (Como?), mas ele sem embargo da desigualdade grande no número, se retirou bizarramente, vindo sempre pelejando,

com muitas voltas que fez e lhe tomou dez cavalos (Porquê?); nós também perdemos onze, com que nisto ficaram ambas as partes iguais, mas da sua também houve mortos.

*Mercúrio Português*, Outubro de 1664

Depois dos castelhanos (Quem?) haverem largado a praça de Arronches (O quê?), obrigados do assédio com que os portugueses a puseram em extrema necessidade (Porquê?), como dissemos no mês de Setembro passado; minaram logo e voaram aos 4 dias deste Outubro (Quando?) a praça da Codecera (Onde?), que era sua em Castela, com temor de que lha tomássemos e que dela lhe fizéssemos maiores danos (Como?).

Deste modo, percebe-se que houve uma preocupação evidente nas notícias publicadas pelo *Mercúrio Português* em identificar e explicar claramente quem era o sujeito, em que altura e de que modo se tinha desenrolado a acção e as razões pelas quais ela decorreu. O *Mercúrio* foi sempre directo às notícias e os seus textos tentaram retratar com minúcia e fiabilidade os acontecimentos, muito embora por diversas vezes este caísse com facilidade num registo contaminado por ideais políticos e nacionalistas que prejudicavam a sua credibilidade.

Por estas transcrições pode ainda notar-se a presença de uma narração diacrónica no jornal. O *Mercúrio Português* preocupou-se sempre em dar uma sequência temporal aos relatos que efectuou. As notícias obedeciam, por isso, a uma ordem cronológica clara. De resto, o *Mercúrio* tentou, de um modo constante, identificar os acontecimentos no espaço e no tempo.

### *Textos doutrinários*

Durante toda a publicação do *Mercúrio Português* foi comum ver o seu redactor fazer, por vezes,

uma espécie de introspecção sobre aquilo que o jornal vinha produzindo. Geralmente, este tipo de reflexão ocorria no final de cada ano, em jeito de balanço e de resumo do que de mais relevante o periódico deu conta.

Para além disto, o *Mercúrio* traçava prognósticos – no primeiro mês de cada ano – relativamente ao que pensava poder vir a suceder. Os excertos expostos em seguida visam ilustrar precisamente os vaticínios que o *Mercúrio* fazia logo no início dos anos.

*Mercúrio Português*, Janeiro de 1664

No fim das relações do que em Portugal sucedeu no ano passado prometeu Mercúrio fazer no princípio deste um juízo dos que se podiam esperar na campanha seguinte. Na matemática (e que e rei) nos achou facilmente os astros benignos. Mas sabendo que as suas influências obedecem ao arbítrio e disposições humanas e obram segundo o estado das coisas, lhe pareceu mais certo prognóstico o que inferisse destes antecedentes que o que filosofasse de figuras. Levanta, pois, um juízo político por esta maneira.

*Mercúrio Português*, Janeiro de 1665

Ao ver saído tão certo o prognóstico que Mercurio fez no mês de Janeiro do ano passado, lhe dá confiança para agora fazer outro do que sucederá no ano que começa. Não o faz por estrelas, sobre que dominam as disposições humanas; mas pelos antecedentes de que ordinariamente resultam as consequências. Para este ajamos por repetidas as considerações que propusemos naquele prognóstico e além delas combinemos o estado notório de uma e outra coroa.

*Mercúrio Português*, Janeiro de 1666

O acerto com que Mercúrio prognosticou nos princípios dos anos passados o que sucederia neles, incita os leitores a desejarem que também faça prognóstico

do que começa de 1666 famoso pelos vaticínios. E Mercúrio agradecido a esta sua curiosidade se dispôs a indagar com todo o trabalho o que fosse possível; mas confessa que lhe custou menos diligência que nos outros anos, porque com poucas horas de estudo achou demonstrações que parecem infalíveis.

No mês de Dezembro de 1666, altura em que Sousa de Macedo abandona a escrita do *Mercúrio Português*, é publicada uma última reflexão interna, onde o então redactor efectua um balanço da sua actividade e se despede dos seus leitores:

*Mercúrio Português*, Dezembro de 1666

[...] A pena que destes 4 anos escreveu o que ele lhe ditou, se acha com esta glória, e com a de dar a matéria (que pode ser que sem este trabalho se perderia) a quem escrever nossas histórias, para as quais estas relações hão-de ser o melhor documento, mas acha-se gastada e sem tempo, em razão de outras ocupações, para se aparar. Despede-se dos leitores, agradecida ao aplauso, com que os bem affectos e entendidos liam seus escritos e faz notório que por agora os não prosseguirá e que se houver outrem que o faça por curiosidade, ou zelo da pátria, se lhe deverá o louvor ou repreensão do que escrever; que em nada disto quer mais ter parte; porque nem tem espírito para mártir, nem cobiça para ladrão e também diz aos curiosos que se uma certa pena com quem falou quizer encarregar-se desta ocupação a fará com tanto maior luzimento, que se veja que é pena de águia filha do sol; nem lograram tantas vantagens, que esta antiga se deva mais por desistir que por começar a escrever.

Este é talvez o exemplo mais significativo da autorreflexão que o *Mercúrio Português* fez. António de Sousa de Macedo aproveitou estas linhas para incentivar a que se continuasse a escrita deste periódico.

## As fontes (referidas e intuídas) no *Mercúrio Português*

As informações trazidas no *Mercúrio Português* são explicadas essencialmente pela privilegiada posição de António de Sousa de Macedo em relação à Casa Real de Bragança, fruto do seu estatuto de secretário de estado do conde de Castelo Melhor. Nalgumas edições do periódico são publicados documentos (cartas, na maioria das vezes), cuja dose de confidencialidade atesta a relevância do estatuto de Sousa de Macedo e a importância dada ao *Mercúrio* (fontes intuídas).

### *Mercúrio Português*, Setembro de 1665

Depois chegou-nos uma cópia da seguinte carta que escreveu a el Rey e dizia assim: *Haviendo passado muestra, he hallado, 12 mil 622 infantes y 6484, cavallos, en estos entran los que estavan sobre el Castillo, que se retiraron a su salvo aunque con confusión, pues dejaron la artilleria y carruage, menos las cavalgadas, sin que el enemigo diese prisa por que no quedó para ello.*

### *Mercúrio Português*, Janeiro de 1667

Recompilação do que continha a carta del rei de Inglaterra de 14 de Outubro de 1666 feita em resposta da que havia recebido dos estados de Holanda de 16 de Setembro, sobre a oferta da paz que o mesmo rei lhes havia feito em 14 de Agosto do mesmo ano.

Na primeira transcrição é mencionada e reproduzida uma cópia de uma carta escrita pelo Marquês de Carracena ao rei e que chegou à redacção do *Mercúrio*. A segunda passagem dá nota da missiva do rei de Inglaterra para o estado da Holanda. O periódico faz uma descrição pormenorizada do seu conteúdo.

Assim se constata que a causa das muitas informações a que o *Mercúrio Português* teve acesso se ficou a dever à posição privilegiada do seu redactor. A defesa do movimento restaurador, inerente às convicções de Sousa de Macedo, é também elucidativa sobre o modo como o jornal acedeu a alguns dos conteúdos publicados. A posição de António Sousa de Macedo fez dele um privilegiado em termos de fontes informativas. Assim, Sousa de Macedo fez uso da sua influência e conhecimentos para aceder a muitas das informações publicadas no *Mercúrio Português*. De outro modo, esses dados estariam vedados a uma qualquer publicação e seriam, decerto, inalcançáveis para outro redactor que não estivesse conectado com a corte nem ocupasse uma posição de relevo na administração do reino.

Para lá desta realidade, Sousa de Macedo recorre, de um modo explícito, a fontes informativas provenientes de gazetas de outros países (fontes referidas). Os periódicos internacionais assumem, neste capítulo, uma importância grande, nomeadamente no que diz respeito a notícias sobre acontecimentos além-fronteiras. Alguns desses acontecimentos assumiam mesmo implicações directas no movimento restaurador em que Portugal estava envolvido.

Além do mais, o autor do *Mercúrio Português* socorreu-se, por diversas vezes, de textos informativos vindos de outras nações com o propósito de exaltar as vitórias portuguesas ou de desmentir alegadas informações incorrectas transmitidas por gazetas estrangeiras. Repare-se, de seguida, nas transcrições retiradas do *Mercúrio* que ilustram e sustentam o que nos dois parágrafos anteriores foi referido:

*Mercúrio Português*, Abril de 1663

No princípio deste mês de Abril, chegaram a esta corte relações impressas em castelhano e gazetas em francês com a substância delas, referindo haver entrado na cidade do Porto socorro de oito mil soldados ingleses: haver os castelhanos pela Galiza alcançado sobre Lapella grandes vitórias: em Alentejo uma muito notável de um exército português em 21 deste Janeiro passado sobre Jurumenha e outras patranhas nunca imaginadas e sem qualquer fundamento.

*Mercúrio Português*, Setembro de 1665

Contudo vemos impressas gazetas de Veneza, Liorne, Génova e outras partes de Itália com patranhas, dos sucessos, determinações e avisos de Castela tão disparatados que resulta em grande descrédito daquelas nações dar-se ouvidos a coisas semelhantes, sem se desenganarem de que tudo quanto vai de Castela é mera ficção.

Estas transcrições retratam com precisão as fontes de que Sousa de Macedo se serviu para expor as informações sobre acontecimentos provenientes de outras nações. No essencial, todas elas tinham dois objectivos: informar, por um lado, e desacreditar Castela, por outro. Se no primeiro trecho exposto a notícia é puramente descritiva e informativa, no que se lhe segue o *Mercúrio Português* retoma a desvalorização feita a tudo aquilo que fosse oriundo de Espanha, aqui com particular incidência para os seus periódicos, fazendo desmentidos, se necessário.

As alusões ao que os periódicos estrangeiros noticiavam, serviam essencialmente como complemento informativo relativamente à Guerra da Restauração. No entanto, elas também aportavam conteúdos noticiosos estreitamente ligados a assuntos internos de outras nações. Prova disto é a seguinte passagem datada de Março de 1667:



*Mercúrio Português*, Março de 1667

Acabou-se o mês de Março, sem que os aprestos militares dos nossos contrários tivessem maiores operações, das que davam as suas mesmas vozes e nos vieram a desenganar que só contra o vento, onde soavam, se deviam de formar tão numerosos exércitos e tão grandiosa armada. Com mais alguma verdade são os que se preparam na Europa, conforme as gazetas que vieram impressas assim de Paris, como de Amsterdão; pois não há príncipe, como elas relatam, que não esteja prevenido esta Primavera.

O recurso a fontes internacionais – neste caso, e como vem referido, a gazetas francesas e holandesas – foi fundamental para que fosse dada a conhecer a realidade vivida no estrangeiro. O excerto transcrito serve como introdução a uma série de relatos sintetizados pelo *Mercúrio* e que dão conta de diversos acontecimentos em vários reinos do continente europeu.

No cômputo geral, é possível afirmar-se que até na relação do periódico em estudo com as fontes utilizadas houve uma tentativa explícita de contribuir e fomentar a causa de Bragança junto dos leitores. O jornal deixa transparecer o seu apoio às forças portuguesas e à sua coroa. Isto por oposição à crítica e desvalorização quase constantes daquilo que por Castela era transmitido a gazetas de outros países ou aos seus próprios periódicos.

### Outras questões de índole jornalística

Para esta investigação discursiva, mais um tópico merece atenção. Desta feita, irá discorrer-se sobre as correcções que o *Mercúrio Português* fez ao que o próprio *jornal* havia publicado.

## *Correcções de informações dadas*

Ao longo das edições mensais do *Mercúrio Português*, eram feitos por vezes ajustes ao que havia sido publicado anteriormente. Invariavelmente, as publicações começavam com uma menção do que sinteticamente havia sido dito para que depois se completassem essas informações. Tal e qual ocorre nos meios de comunicação informativos contemporâneos, também no *Mercúrio* eram feitas correcções àquilo que o próprio jornal tinha veiculado:

*Mercúrio Português*, Dezembro de 1664

Antes de entrarmos nos sucessos do mês presente é razão restituir ao de Novembro passado a relação de alguns que não havia chegado notícia quando se imprimiram os que lhe tocavam e seja lícito não desprezar os pequenos em tempo de Inverno, tão pouco acomodado para a guerra.

*Mercúrio Português*, Setembro de 1665

No mês de Julho referimos que o Marquês de Caraccena, ou por consolar a seu rei, ou pelo enganar, juntamente com a sua nova perda na batalha de *Montes Claros*, lhe escreveu, que se ficava aprestando, para logo fazer em Portugal nova entrada, a qual em Madrid se encomendou a Deus com orações públicas, destinando-se para dez do mesmo Julho.

O *Mercúrio Português* foi acrescentando, sempre que necessário, informações relativas a meses passados. Nem sempre era possível ao redactor do jornal ter acesso a todas as informações relevantes e publicá-las em tempo útil. Assim, nos meses de publicação seguintes era feita uma menção do que tinha ficado por dizer, sendo clarificadas algumas imprecisões.

## Considerações finais

Esta pesquisa visou perceber de que forma o *Mercúrio Português*, um dos primeiros periódicos portugueses, surgido nos anos sessenta do século XVII (1663-1667), redigido por António de Sousa de Macedo, e considerado antepassado dos jornais portugueses contemporâneos, organizava os textos que publicava. Em concreto, procurou perceber-se qual era a sua tipologia, a que fontes recorria, e que outras questões de índole jornalística preocupavam o seu redactor.

Concluiu-se que no *Mercúrio Português* foi possível assistir-se a um tipo de narrativa muito heterogéneo, com recurso a diferentes tipologias textuais (1), que as fontes se deviam, acima de tudo, à posição privilegiada de António de Sousa de Macedo junto da Casa Real (2) e que foi possível assistir-se nas páginas deste periódico a diálogos constantes entre os mais diferentes interlocutores (3).

Assim, relativamente à primeira conclusão relacionada com as tipologias textuais (1), foi possível identificar diferentes tipos de textos, sendo os mais recorrentes os argumentativos (amalgamavam um tipo de escrita simples e descritivo com uma narrativa marcadamente interpretativa e até opinativa, e mostraram-se em relatos algo exagerados sobre as incidências políticas e militares da Restauração orquestradas pelo lado português), reportativos (uma narrativa mais descritiva e factual que o *Mercúrio Português* também privilegiou e que lhe conferiu, em certa medida, uma proximidade com a tipologia de textos noticiosos produzidos na actualidade) e doutrinários (era comum António de Sousa de Macedo fazer uma espécie de introspecção sobre aquilo que o jornal vinha produzindo, geralmente no início de cada ano, em jeito de balanço).

Em relação às fontes (2), concluiu-se que estas poderiam ser referidas (menções explícitas feitas no periódico à proveniência das informações recolhidas, como notícias retiradas a partir de órgãos noticiosos estrangeiros) ou intuídas (aquelas não mencionadas directamente – cartas, missivas ou assuntos da corte – e cuja origem se entende pelo posicionamento do redactor do jornal). A relação de proximidade que Sousa de Macedo tinha com a Casa Real ajuda a explicar o fácil acesso às fontes, nomeadamente às oficiais.

Como última conclusão (3), desta pesquisa é possível ainda afirmar que o *Mercúrio Português* foi, ao longo da sua publicação, revelando alguma preocupação com questões puramente jornalísticas, tais como a correcção de informações dadas de forma errada ou incompleta que procurava emendar logo que fosse possível de forma a manter a objectividade e fiabilidade que António de Sousa de Macedo sempre proclamou para o seu *Mercúrio Português*.

## Referências

- CUNHA, A. da. **Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa (1641-1821)**. Separata das Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, classe Letras, 4. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1941.
- DIAS, E. G. **Olhares sobre o Mercurio Portuguez (1663-1667)**. Transcrição e comentários. Lisboa: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.
- PENA RODRÍGUEZ, A. História do jornalismo português. In: PIZARROSO QUINTERO, A. (Coord.). **Historia de la prensa**. Lisboa: Planeta, 1994.
- SOUSA, J. P. (Org.). **Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667). Discurso e contexto**. Covilhã: LabCom, 2013.
- TENGARRINHA, J. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.